
OS FOLHETINS DE ALBERTO DE OLIVEIRA

The serials of Alberto de Oliveira

Alvaro Santos Simões Junior¹

RESUMO: Neste artigo analisa-se a atuação na imprensa de Alberto de Oliveira, jovem poeta português que formulou a doutrina do neogarrettismo. Após a descrição do seu livro de estreia, *Poesias* (1891), e breves comentários a respeito da recepção dessa obra pela imprensa portuguesa, procura-se demonstrar que o neogarrettismo era adrede favorável a uma boa repercussão do *Só* (1892), livro de poemas de António Nobre, amigo íntimo de Oliveira. O neogarrettismo encontrou partidários e detratores, mas foi particularmente apontado pelo autor das *Poesias* como uma alternativa ao chamado *nefelibatismo* de Eugénio de Castro. Em conclusão, alude-se às consequências da rivalidade entre o *neogarrettiano* Oliveira e o *nefelibata* Castro para a literatura portuguesa do final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Alberto de Oliveira, António Nobre, Eugénio de Castro, decadentismo, nefelibatismo, *Palavras loucas*.

ABSTRACT: This article analyses the performance at the press of Alberto de Oliveira, young Portuguese poet who formulated the doctrine of neogarrettism. After the description of his first book, *Poesias* (1891), and brief comments about the reception of this work by the Portuguese press, one seeks to demonstrate that the neogarrettism was purposely formulated to valorize *Só* (1892), a book of poems by António Nobre, a close friend of Oliveira. The neogarrettism found supporters and detractors, but was particularly pointed out by the author of *Poesias* (1891) as an alternative to the decadentism of Eugénio de Castro. In conclusion, one alludes to the consequences of the rivalry between Oliveira e Castro to Portuguese literature of the late nineteenth century.

KEYWORDS: Alberto de Oliveira, António Nobre, Eugénio de Castro, decadentismo, nefelibatismo, *Palavras loucas*.

Como se sabe, *folhetinista* não era apenas aquele que, em ritmo frenético, produzia romances-folhetins, as narrativas seriadas publicadas nos rodapés dos jornais, mas também o prosador que escrevia para as rubricas “Folhetim” ou “Variedades” dos jornais e revistas. No final do século XIX, um dos maiores *folhetinistas* portugueses foi, sem sombra de dúvida, Alberto de Oliveira (1873-1940). O que se pretende demonstrar, nestas poucas

¹ Docente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP. Bolsista de produtividade e pesquisa do CNPq; pesquisador apoiado pela FAPESP.

páginas, é que, mesmo não atingindo o nível artístico de Eugénio de Castro e António Nobre, o autor de *Palavras loucas* (1894) interferiu decisivamente nos rumos da literatura portuguesa de seu tempo mediante colaborações na imprensa periódica.

Em 1889, com apenas 15 anos, era um dos redatores da *Boêmia Nova* na companhia de Alberto Osório de Castro, António Nobre, António Homem de Melo e outros jovens. Essa publicação coimbrã recebia o combate de sua congênera *Os Insubmissos*, dirigida por Eugénio de Castro, Francisco Bastos, Raul Brandão e João de Meneses. Formulada por Francisco Bastos, a proposta de criação de um novo verso alexandrino com cesura na oitava sílaba poética, em lugar da sexta, opôs acirradamente as duas publicações, que logo se viram ladeadas por duas outras revistas: *Nem Cá nem Lá* e *Boêmia Velha*.

No período de 1890 a 1893, ocorreu em Portugal, em torno das ideias decadentistas-simbolistas, um intenso movimento literário, do qual se tornaram protagonistas Eugénio de Castro, de *Os Insubmissos*, e Alberto de Oliveira, da *Boêmia Nova*. Ambos publicaram livros de poesia nos anos de 1890 e 1891, mas os *Oaristos* (1890) e as *Horas* (1891), de Castro, com seu pioneirismo e seus prefácios polêmicos, adquiriram uma importância histórica inquestionável, o que não ocorreu com as *Poesias* (1891), de Oliveira, apesar dos requintes com que foram impressas “em magnífico papel de linho, com capa de papel pergaminhado”, e acompanhadas “de duas esplêndidas iluminuras” (BIBLIOGRAFIA, 1891, p. 2).

Dividiam-se as *Poesias* em dois livros distintos, a saber: *Bíblia do sonho* e *Pores do sol*, cada um deles dotado de “argumento” (preâmbulo) próprio em prosa. No segundo, Alberto de Oliveira dirigia-se diretamente a António Nobre, seu antigo amigo de Coimbra, com quem dividira uma “república” e que era então aluno da Sorbonne, em Paris:

[...] António, o teu nome tinha de vir neste livro, para que a minha alma não ficasse incompleta. De todos os Portugueses que o lerem, só o compreenderão inteiramente tu e eu, que em cada verso, quase em cada palavra, encontraremos a sugestão da nossa camaradagem, da absoluta identificação das nossas Almas e dos nossos espíritos. [...] Este livro dar-te-á a ilusão de ser eu próprio: e quando, nas suas capas de pergaminho, ele bater à porta do teu quarto do Bairro Latino, tu acreditarás porventura que fui eu que atravessei os Pirineus para te ir abraçar, partilhar o pão negro da tua melancolia e da tua saudade! (OLIVEIRA, 1891, p. 89).

Palavras tão calorosas deram muito o que fazer a línguas ociosas, as quais, no ano seguinte, puderam ainda ocupar-se fartamente de um soneto do *Só* que Nobre, em retribuição, dedicaria ao amigo, atribuindo-lhe o cativante epíteto de “Santo de minha extrema devoção” (NOBRE, 1892, p. 38).

Além da amizade com Nobre, a filiação estética do poeta Alberto de Oliveira foi outra questão que interessou aos colaboradores de periódicos. Da crônica que, em 19 de maio de 1891, dedicou à apreciação das *Poesias*, Alberto Pimentel ocupou quase metade das colunas com críticas à escola decadente, que julgava *reacionária* e não *revolucionária*, como se pretendia, por retomar Pierre de Ronsard em França e em Portugal os “trovadores dos cancioneiros palacianos”. Considerando que a poesia tinha “atingido a máxima perfeição plástica” com os parnasianos, o cronista condenava as liberdades e ousadias dos decadentes, paradoxalmente entendidas por ele como uma volta ao passado. Ao fazer uma avaliação essencialmente positiva do livro de Oliveira, Pimentel debitou os “defeitos” do livro, decorrentes da “impureza da linguagem”, à conta da escola a que supunha filiado o poeta. Assim, concluiu coerentemente o seu texto expressando o desejo de que Oliveira viesse a “lustrar, com as suas faculdades poéticas, o mais puro mármore em que os parnasianos usa[va]m talhar as suas estrofes esculturais”.

Notícia anônima publicada nas *Novidades* em 21 de maio associou as *Poesias* à “moderna escola”, mas mencionou com ironia a dificuldade experimentada no enquadramento estético do jovem poeta:

Não sabemos bem se o autor é decadista, se é decadente, se é simbolista, se é instrumentista. Para quem, como nós, está alheio aos mistérios que separam estes diversos ramos da escola, sucede-lhe ter o *embarras du choix* na classificação do poeta (POESIAS, 1891, p. 2).

Simões Dias em *O Globo* de 30 de maio de 1891 desculpou-se com o poeta por tê-lo anteriormente chamado de *nefelibata*, ignorando correspondência em que Oliveira já protestara contra a “calúnia” argumentando que suas *Poesias* não vinham com etiqueta e que “ser novo e original” não significava *necessariamente* “ser nefelibata”. Manifestara ainda, na mesma carta, o seu horror às “escolas” que, em sua opinião, não passavam de “meio de conquistar o público pelo Escândalo”. Deve-se observar que, com essa intervenção, Oliveira procurava desvincular-se claramente do “nefelibatismo” de Eugénio de Castro, tão ridicularizado em paródias e artigos publicados nos jornais, e atribuir ao poeta das *Horas*, com

bem relativa sutileza, a intenção de promover-se por intermédio dos seus *escandalosos* prólogos e poemas.

A estratégia do autor das *Poesias* provavelmente surtiu efeito, pois em 2 de junho, em *A Revolução de Janeiro*, Heliodoro Salgado já afirmava que a escola de Alberto de Oliveira era “ele mesmo”, uma vez que se mantivera “superiormente alheio a influências de escola”. No ano seguinte, entretanto, Oliveira queixar-se-ia por não ter conseguido, apesar de suas cartas e reclamações, ver o seu livro “ilíbado das alcunhas deprimentes de nefelibata, exótico, decadente etc.” (OS NOVOS, 1892, p. 2).

Praticamente deixando de lado o seu livro de poesia, Alberto de Oliveira iria destacar-se nos anos de 1892 e 1893 como formulador e propugnador da doutrina do neogarrettismo, que vinha de propósito jogar uma luz toda especial sobre o livro *Só*, que António Nobre estava para publicar pela editora de Léon Vanier, o grande paladino dos decadentistas-simbolistas franceses.

Tudo começou com a divulgação, na *Revista de Portugal*, das “Cartas da última hora”, onde Oliveira manifestou todo o seu “desgosto de sensibilidade pela influência do convencionalismo e do artifício sobre a obra, como sobre a vida, d’este ou de aquele escritor” (OLIVEIRA, 1892, p. 439). Assim, sentiu a necessidade de referir-se aos contemporâneos que seguiam as modas francesas:

Eu diria aos que, neste país encantador e simples, tentam introduzir a mania das doenças literárias e agasalhar em seu seio o rato da Nevrose, de que algumas almas de eleição se sentem roídas, o perigo de fazer cair, pelo seu impulso, toda a nossa robusta Arte em insignificantes quadros de gênero. [...] Portugal possui neste século uma literatura cheia de vigor e de caráter. Os seus Poetas, ardentes e cheios de febre, são quatro vezes superiores aos melhores Poetas franceses contemporâneos, com defeitos de execução fáceis de eliminar por seguidores que compreendessem, como eles, o orgulho da sua raça (OLIVEIRA, 1892, p. 440).

Apesar dessa condenação do cosmopolitismo estético de seus contemporâneos, Alberto de Oliveira iria posteriormente confessar que, quando jovem, passava “noites a decifrar os poemas herméticos de Mallarmé” e que ia com seus amigos à estação ferroviária esperar os “caixotes de Paris” que continham “os livros novos” (OLIVEIRA, 1913, p. 198).

Porém, na *Revista de Portugal*, inflamado de entusiasmo nacionalista, o autor das *Poesias* já propunha a seus companheiros de geração a retomada das tradições portuguesas e o abandono dos modismos importados:

Ó rapazes meus camaradas, vamos pedir aos Franceses, se quiserdes, a sua ciência de detalhe, os seus ritmos sábios, os seus processos de observação e crítica, — mas desenrolemos os nossos pergaminhos poéticos, que os temos, vindos do Povo, de um quilate riquíssimo. Das cantigas das espadeladeiras da nossa quinta, dos rimances rezados pela nossa Avó, não sentis vós subir o aroma de poesia, de religião, de doçura e graça que deve ungir as vossas baladas? Não compreendeis a inferioridade mesquinha e *commis-voyageuse* de importar o catolicismo falso dos outros, o seu diabolismo literário, a sua alucinação feita de leituras e de um intenso viver cerebral num meio horrível, onde há frio, crime, a Miséria, e o Mundo inteiro que se não importa? Nós possuímos, contra eles, um autêntico horizonte poético, cheio do encanto dos oiros esmaçados e dos veludos gastos (OLIVEIRA, 1892, p. 440-1).

Com essas palavras, Oliveira criticava indiretamente Eugénio de Castro e António de Oliveira Soares, entre outros, que procuravam assimilar as novidades do decadentismo-simbolismo francês. Para combater o artifício, o misticismo de convenção e o pessimismo de empréstimo, que chegava a Portugal via França, Oliveira propunha um verdadeiro programa de regeneração nacional:

Em Portugal seria necessário que nós os poetas emigrássemos para as aldeias, habituando-nos a uma doce vida monástica no fundo de bibliotecas tristes, cheias de velhos livros, em cujas capas nos viesse como insinuado, o tédio das brochuras francesas. E aprenderíamos história portuguesa no convívio do Beirão quase primitivo ou do Transmontano rude como um tojo, dos pescadores da costa supersticiosos, quando vão nas estradas cantando o Bendito, das romarias ao San-João, bizarras como festas japonesas, que em Braga são de um encanto único (OLIVEIRA, 1892, p. 442).

Para que se criasse em Portugal um “poderoso teatro” capaz de levar emoção intensa ao público, dever-se-ia seguir de perto as lições de Almeida Garrett:

Seria preciso fundar um *neogarrettismo*, e fazer aos Novos decorar o *Frei Luís*, interpretá-lo e marginá-lo de comentários piedosos como fazem os Stendhalianos ao seu mestre. Garrett fora sobretudo um grande e ativo agitador de ideias, o chefe de uma escola que ainda não teve um discípulo. Ele sonhou, com olhos de gênio, uma Literatura portuguesa nova, pujante, toda de regresso às tradições, com a melancolia e o maravilhoso do povo, e logo procurou fornecer modelos para todos os gêneros de arte: assim renovou o Teatro, organizou o Romanceiro, escreveu romances nacionais, exaltou a nossa Paisagem, enfim compôs esses divinos dois volumes das *Viagens na minha terra* (OLIVEIRA, 1892, p. 445).

O primeiro a reagir franca e positivamente às propostas de Alberto de Oliveira foi Mariano Pina, que em 21 de abril de 1892 publicou artigo intitulado “O neogarrettismo” em *O Diário Popular*, onde começou por traçar um panorama das letras portuguesas naquele tempo:

[...] modernos e moderníssimos poetas têm passado noites em claro no trabalho de aclimação de escolas exóticas, de *parnasianismos*, de *decadentismos* e de *simbolismos* franceses, com o fim expresso d’irritar os *fariseus* das letras, os que dormem contentes quando a Poesia lhes dá sinceridade de emoções e encanto de ritmos (PINA, 1892, p. 2).

Assumindo orgulhosamente ser um dos *fariseus* ou *bárbaros*, em uma alusão ao prefácio das *Horas* (1891), de Eugénio de Castro, Pina criticou os seguidores da “onda deliquescente, torturada, nevrótica e por vezes enigmática” por circunscreverem a evolução poética a “três exóticos das *brasseries* de Paris”, a saber, Mallarmé, Moréas e Verlaine, e deixarem no esquecimento autores importantes da Inglaterra e da Alemanha. Como resultado dessa atitude, acentuava-se a dependência de Portugal diante da França:

Enquanto o francês vê se inventa ou descobre novas formas estéticas, nós andamos de mãos nos bolsos pelo Chiado e pela Avenida, na faina da banalidade, do lugar-comum ou da má-língua. Apenas o francês inventou ou descobriu alguma coisa, nós então corremos a traduzir e a imitar. E tanto nos apoderamos da obra dele, que chegamos a imaginar que ela é nossa, positivamente nossa! Exemplo: - *parnasianismo*, *simbolismo*, *satanismo*, *positivismo*, pólvora sem fumo, direção dos balões, etc., etc (PINA, 1892, p. 2).

Na opinião do jornalista, fator importante para a perpetuação da dependência cultural teria sido a inexistência de uma “crítica superiormente culta” que, por meio do livro, do jornal e da cátedra, pudesse prevenir a juventude “contra as extravagâncias e os quixotismos condenados a uma vida efêmera”, que serviriam somente “para envenenar e aniquilar o gosto”. Pina demonstrou que Garrett já diagnosticava situação semelhante e propunha solução:

Dói-me a consciência de ver a anarquia em que andamos; pesa-me ver o bom instinto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendências, procurar na imitação estrangeira o que só pode, o que só deve achar em casa. O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas (PINA, 1892, p. 2).

Como nada se fizera do que havia propugnado o autor de *Viagens na minha terra*, Pina saudava com alegria “de *fariseu* e de *bárbaro*” as propostas divulgadas na *Revista de Portugal* por Alberto de Oliveira, a quem até então julgava “um intratável decadente e simbolista”, e declarava o seu apoio ao *neogarrrettismo*.

Por mais que fosse bem-vindo, o apoio de Mariano Pina continha um ingrediente nefasto para a campanha em que se empenhava Alberto de Oliveira. Ao condenar o radicalismo dos que julgavam não haver “salvação poética possível” além dos “instrumentistas e decadistas” franceses, afirmou, citando expressamente o *Só*, de António Nobre, que os novos poetas consideravam “um título de glória serem editados em Paris pelo editor dos simbolistas”, isto é, Léon Vanier. Ora, sendo Nobre o esteio e principal beneficiário da doutrinação neogarrrettiana levada a cabo pelo autor das

Poesias, a sua inclusão indiscriminada no grupo dos nefelibatas não poderia ficar sem contestação. Dessa forma, Oliveira impôs-se a delicada operação de questionar o julgamento do neolado sem melindrá-lo. Como estratégia de ação escolheu o envio de uma carta ao jornalista pedindo-lhe que a inserisse em *O Diário Popular*. Publicada com efeito em 28 de abril de 1892, a correspondência continha agradecimentos pelo texto de apoio, mas procurava diferenciar António Nobre do nefelibatismo de Eugénio de Castro. Negou Oliveira que o *Só* fosse um livro “extravagante”, embora reconhecesse que o seu autor havia aceito “quase todos os aperfeiçoamentos na técnica do verso” experimentados “com o melhor êxito pelos novos poetas franceses”. A despeito dessa prudente concessão, afirmava que Nobre sempre fora “um temperamento ardente e meridional” e “o absoluto tipo do Lírico português de outrora”. Antes de seu estabelecimento em Paris como estudante da Sorbonne, o lusitano poeta do *Só* em sua vida tinha sido, segundo Oliveira, uma “espécie de pescador de Leça” e depois um “bizarro estudante de Coimbra”, ou seja, havia encarnado tipos portugueses bem característicos. Em seu contato tardio com os “livritos extravagantes das escolas do Bairro Latino”, Nobre não os teria lido ou admirado, tomando-os por “secos, impotentes”. Assegurava ademais Oliveira ao destinatário de sua carta que a estadia do autor do *Só* em Paris e sua convivência com os “poetas novos franceses” não alteraram em nada a sua “individualidade nacional”. Acrescentou ainda que o nome de Nobre não figurara nas “mil e uma revistas dos seus camaradas de cervejaria e de escola”, honraria de que aliás se orgulhava o cosmopolita Eugénio de Castro, fato este que o missivista não mencionou, mas talvez insinuasse insidiosamente, sendo, como era, do conhecimento geral. Ao poeta das *Horas*, Oliveira considerou expressa e generosamente, *pelo menos segundo as aparências*, o único nefelibata digno de menção, mas prevendo que iria, “por falta de assunto e exaustão de dicionário”, colocar enfim o seu “real e notável talento de colorista” a “serviço de mais compensadoras empresas”. Note-se que o adjetivo *compensadoras* pode ter sido empregado ironicamente de modo a insinuar que Eugénio de Castro agia sempre de modo frio e calculista. Mesmo sem o concurso do notório nefelibata, a “geração dos Novos”, da qual se destacava António Nobre, tinha, sempre segundo Oliveira, o grande e nada modesto objetivo de “salvar a Arte portuguesa”, já que em Portugal se afogava “todo o resto”. Não é difícil perceber, em breve análise dessas palavras, que o neogarrettismo vinha propor-se como modo de afirmação nacionalista após a crise do *Ultimatum* britânico, que muito abalara a autoestima dos portugueses e sua confiança em um futuro melhor.

Muito embora franqueasse o folhetim de *O Diário Popular* à carta de Alberto de Oliveira, Mariano Pina pontilhou-a de notas de rodapé entre

críticas e sarcásticas e precedeu-a de um breve texto em que confessava conceber os novos como “um tropel de preciosos e complicados D. Quixotes d’um Ideal suficientemente confuso e nebuloso”. Concluiu-se, portanto, que a publicação da carta pouco contribuiu para retirar de António Nobre a pecha de nefelibata e colocou em dúvida, com as interferências de Mariano Pina, a natureza e a extensão do apoio deste jornalista ao neogarrettismo. Não se tratava, como se tornou evidente, de adesão incondicional e irrefletida.

A nova doutrina nacionalista iria ser levada em consideração por Alberto de Oliveira nas apreciações de obras lançadas em 1892 como o *Só*, de António Nobre, *O livro de Aglaís*, de Júlio Brandão, e *Os simples*, de Guerra Junqueiro, mas não se encontrou artigo de sua lavra sobre as *Canções do Mondego*, de Manuel da Silva Gaio, amigo de Eugénio de Castro, recolhidas juntamente com as *Rimas escolhidas em Poesias*, volume lançado em julho de 1892. Não coube ao poeta de Coimbra, autor dos poemas *regionalistas* “No rio”, “Serenata” a “A noite de S. João”, entre outros, a honra de ser alistado por Oliveira nas hostes neogarrettianas.

Deve-se assinalar que, enquanto Alberto de Oliveira procurava aproximar-se de outros escritores, apoiando-os por meio de textos publicados na imprensa, Eugénio de Castro isolava-se cada vez mais com uma defesa encarniçada de seu pioneirismo, colocando em dúvida a originalidade da produção alheia e da estética decadentista-simbolista.

Intervenção mais sistemática do hábil publicista iria ocorrer no final daquele ano, quando se iniciaria série de crônicas publicada no diário republicano *O Primeiro de Janeiro*, do Porto. Logo nos dois primeiros textos, estampados em 7 e 14 de dezembro de 1892, Alberto de Oliveira traçou o perfil da curiosa figura do Tio Garrett, que recebera essa alcunha em função da verdadeira idolatria com que cultivava a memória do autor português, por quem rezava “missas” e promovia “novenas”.

Em 26 de janeiro de 1893, Oliveira publicou em *O Primeiro de Janeiro* belo texto sobre “A língua portuguesa”. Pretendia com ele combater a opinião das “últimas gerações literárias”, para as quais o vernáculo seria “língua de almocreve”, ou seja, língua “desabituada de setins e de brocados”, “ignorante de civilização como algum velho pastor da serra da Estrela”. O autor das *Poesias* manifestou opinião francamente diversa:

A língua portuguesa é, sem dúvida alguma, uma língua particularmente harmoniosa e musical. Os seus ritmos são doces, as palavras que a tecem, em geral desprovidas de acentos, são tristes como cores de tons pálidos, e expressam-se sempre em voz baixa. Isto dá nevoeiro de ideal à prosa, e presta serviços inestimáveis ao artista

melancólico, que é por via de regra o poeta português (OLIVEIRA, 1893a, p. 1).

Na opinião do cronista, a prosódia peculiar da língua portuguesa tornava-a distinta da espanhola e da francesa, nas quais tudo se pronunciaria com nitidez:

O português come as palavras, dizem as pessoas de bom senso; não se entende senão com dificuldade, notam os estrangeiros. Em vez de separar cada palavra ou cada frase com diferenças de acento e de tom, mistura-as numa gaze geral, e vai transitando de umas para outras por gradações imperceptíveis. Certamente, para servir em relatórios de sábios ou em compêndios de aula, a linguagem nítida seria mais prestável; mas a Arte é irmã gêmea do mistério, e quanto mais velada se mostrar, mais interessante é. Uma língua assim, de acentos nublados, com palavras que dão a entender muito mais do que dizem, pode não ser um língua de críticos e de eruditos, mas é a língua sugestiva e modelar dos poetas e dos artistas (OLIVEIRA, 1893a, p. 1).

Para não deixar dúvidas de que o elogio da língua portuguesa articulava-se à campanha pelo neogarrettismo, Oliveira assim encerrou o seu artigo:

[...] a beleza, a harmonia, a graça da língua portuguesa ficaram sobretudo dentro de algumas páginas de Garrett, e é ali que há de ir buscar a semente quem quiser neste terreno pisado e abandonado da literatura nacional fazer crescer árvores que se vejam (OLIVEIRA, 1893, p. 1).

Em 23 de março de 1893, ainda em *O Primeiro de Janeiro*, Alberto de Oliveira deixou de lado seu costumeiro tom ameno e esperançoso para expressar ceticismo quanto ao futuro de Portugal, dada a grave crise financeira que então se atravessava. Naquelas circunstâncias especiais, escrever proporcionava algum alívio:

[...] me é doce cismar quando leio páginas onde o gênio português é saboreado sem banais incensos, e insinuar a minha gôndola de sonho por esta atmosfera de letras protestadas, neste ciclo humilhante e miserável para Portugal, de crise sem grandeza, de fome sem tragédia, de

agonia sem desespero, pois toda a gente se deixa escorregar no pântano sem gritar alto a sua miséria, sem tomar atitudes que, ao menos, se lhe não salvarem a vida, lhe salvem a memória. [...] No meio de uma guerra doida ou de um cataclismo sinistro, a Morte vale a Vida ou mais que ela. Mas acabar no meio de casas com escritos, ter por inquisidores as lojas de prego, estar com os pés para a cova, mas com os pés de botas cambadas – é a morte de um títere, não é a de um povo, nem a de um poeta (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Exasperado com o presente, pois vira o Reino curvar-se às imposições britânicas e renunciar a um projeto de expansão e consolidação de suas principais possessões africanas, Angola e Moçambique, o poeta antevia um futuro humilhante para os portugueses:

Amanhã, de aqui a dez ou cinquenta anos, talvez já as serranias da Beira estejam povoadas de hotéis ingleses, e as viris e altivas florestas portuguesas, cheias hoje de árvores veneradas como velhos frades, se achem terraplanados e penteados bosques de chaminés de fábricas. Quem nos assegura que em meio século as noites de luar não se poderão ver mais senão através da trama dos fios telegráficos que tornem internacional e prestável à Europa este *bom partido* geográfico que nós somos, noiva com nome ilustre destinada a cair nos braços sujos do primeiro negreiro milionário? (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Muito curioso, mas perfeitamente compreensível e coerente com sua argumentação, é o papel que Oliveira reservou para o Brasil. Caberia a este país sul-americano preservar e propagar, no futuro, a literatura de língua portuguesa produzida na Europa quando os portugueses estivessem dominados por outras nações:

[...] o Brasil, do tamanho da Europa, quase todo por povoar e por cultivar, povo na infância, cheio de esperança e de futuro, impotente para nos salvar a casa, o corpo, será nomeado testamenteiro de nossa riqueza espiritual, e o herdeiro da nossa língua, dos nossos costumes, dos nossos poetas será ele! Um dia que a Europa for uma velha entrevada, e a Raça Latina for um mausoléu perdido num

campo-santo, o Brasil, transbordando como uma colméia de milhões de almas, espalhará a nossa linguagem no Mundo, ensinará aos seus contemporâneos na Terra a nossa história, e cada um dos nossos grandes homens, perdidos e inéditos hoje, só então receberá a benção da Humanidade que lhes há de tornar mais doce o sono do infinito. Poderão os bárbaros do Norte extinguir a tua raça e a dinastia dos teus cabelos, violeteira morena de Coimbra, mas nenhum terremoto ou indústrias novas embaciarão o encanto dos versos de João de Deus, ou destruirão a armadura sombria dos sonetos de Antero (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Ingrediente importante da crise de Portugal seria, para Alberto de Oliveira, a liderança da capital: “A pior coisa, o meio mais imbecil, a atmosfera mais banal e deprimente que se respira n’este povo é, sem dúvida, Lisboa”. Essa cidade mereceria castigo exemplar pelo mal causado ao país:

Quis-se fazer passar por Portugal aos olhos da civilização; por essa burla merece a pena máxima. Envergonha-nos tanto, é de tal modo a nossa roupa suja, que nem uma página de artista deve ficar a servir de epitáfio às suas misérias (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Libertar-se de Lisboa e redescobrir as províncias poderia significar a salvação para os jovens escritores precocemente decadentes:

Portugal é o Minho, o Doiro, as duas Beiras, o Alentejo, o Algarve. Vamos, não tens espaço bastante, Geração Nova? Se te queixas que a civilização te requintou e só entre sedas, embora de lã, e oiros, conquanto oiropéis, podes viver, digo-te que és medíocre, e ignoras que, quanto mais se vive, mais se aprende a mesquinhez da Vida, e a necessidade de procurar nela um alvo moral. Não tens a *Bíblia*, ó Geração preocupada de misticismo, a ensinar-t’o? Traze os teus *fauteuils* de coiro verde, os teus órgãos, as tuas sensações raras, são caprichos de temperamento naturais, e encontrarás casas, quintas (em vez de andares) onde os asiles; mas não te esqueças que, entre a bagagem, há de vir alma, talento, intensa vida cerebral, alevantado senso da virtude. Só com literatura já nem os tolos se inebriam (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

O autor de *Poesias* expressava o desejo de que a nova geração de pintores, poetas, músicos e dramaturgos abalasse para a província, onde se vivia com pouco e era possível encontrar abrigo em qualquer casa de lavrador. Dessa mudança coletiva, resultaria uma grande vantagem: “escusávamos de nos desmoralizar pedindo empregos, e não salvaríamos na rua, por gratidão, os conselheiros”. Essa “fuga” de Lisboa deveria, porém, ser feita com método:

Cada temperamento escolheria a província própria: os calmos para o Minho, os melancólicos para a Beira, os desesperados e *audelaístas* para as serras trágicas de Trás-os-Montes. Ao fim de ano, cada um vinha com a sua colheita: um com bucólicas que as raparigas cantariam às esfolhadas, outros com romances estudando a miséria do transmontano, a sua vida de família, os seus descabros de temperamento, outros com dramas sentidos, humanos, escritos numa linguagem viva e forte (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Colheita igualmente importante fariam pintores e músicos, escultores e arquitetos; o resultado final seria uma verdadeira celebração artística de Portugal:

Assim se estenderia uma rede intelectual pelo país fora, segura por gente de pulso, e capaz de ir educando Portugal por gradações e sem abalos, lento e lento: e a nossa raça, desde a fisionomia até a alma, as qualidades e os defeitos, iria transcrita para a posteridade em obras grandiosas, de que seria portadora uma geração grave, orgulhosa, tendo bastante dignidade para chorar com decoro a sua pátria morta, e lhe fazer condignos funerais (OLIVEIRA, 1893b, p. 1).

Depois de traçar programa tão ambicioso, mas repassado de amargura, Oliveira encerrou o seu texto de maneira melancólica: “Eu não acredito na minha geração, mas ao menos desabafo”. Por fim, confessou que seu objetivo ao iniciar seu folhetim, afinal tão “confuso e revoltado”, fora simplesmente homenagear Columbano Bordalo Pinheiro, cujos trabalhos admirara em exposição madrilenha. Cabe ressaltar que “Portugal (meditação)” e os outros textos publicados no diário *O Primeiro de Janeiro*

foram recolhidos em 1894 no volume *Palavras loucas* e receberam assim maior difusão.

Em carta com que agradecia ao autor a remessa desse livro, Eça de Queirós procurou fazer-lhe ver que suas doutrinas não representavam uma solução para as “misérias” de Portugal e nem mesmo poderiam ser compreendidas como uma novidade:

[...] não lhe parece que o nativismo e o tradicionalismo, como fins supremos do esforço intelectual e artístico, são um tanto mesquinhos? A humanidade não está toda metida entre a margem do rio Minho e o cabo de Santa Maria – e um ser pensante não pode decentemente passar a existência a murmurar extaticamente que as margens do Mondego são belas! Por outro lado, o tradicionalismo em literatura já foi largamente experimentado, durante trinta largos anos, de 1830 a 1860, - e certamente não resultou dele aquela renovação moral que Portugal necessita e que o meu amigo dele espera (QUEIRÓS, 1979, p. 638).

Provavelmente não agradava ao combativo ficcionista da geração de 1870 a poetização do que entendia como atraso português e a retomada de uma pauta que pretendia definitivamente abolir.

Para Seabra Pereira, o neogarrettismo e o esteticismo decadentista e simbolista representavam uma resistência literária à “modernidade científica, técnica e sociológica instaurada desde o Iluminismo”. Porém, em um país humilhado pelo *Ultimatum* e imerso em grave crise político-econômica, o *nacionalismo telúrico* propugnado por Alberto de Oliveira ganhou corpo como alternativa essencialmente regressiva e alienante para a regeneração individual e coletiva:

A tendência ruralista ganha as proporções, logo no fim de século, de panaceia apaziguante e regenerante para o indivíduo fisicamente derrancado, nervosamente desequilibrado, moralmente pervertido, de sensibilidade exausta e de inteligência sofismada pela civilização urbana; e, indiretamente, propõe-se como panaceia para obstar à decadência pátria. No fundo, porém, atua quase sempre como regressão compensatória *ad uterum naturae* e, mais do que isso, como imersão alienante num museu natural de paisagem idílica, de gentes e costumes pitorescos, de harmonia social na ordem tradicional, de moralismo

convencional e de ritualização religiosa. Sendo, pois, uma reação evasiva era também uma das modalidades do equívoco relançamento neorromântico do magma do *Volksgeist*; e a esse título ombreava com as tendências de historicismo e nacionalismo literários, de tradicionalismo e popularismo artísticos, de casticismo e de revivalismo pré-renascentista ou quinhentista (PEREIRA, 1989-1990, p. 151-2).

Na mesma direção, Óscar Lopes compreende a ânsia por “contato com os simples” e o folclorismo como manifestações “antirracionais”, como resultados de exaustão diante da dúvida e da análise sistemática. Segundo o crítico, “o povo português atrai o neogarrettismo por uma pretensa poesia, fruto do seu próprio atraso, da sua miséria” (LOPES, 1987, p. 70-1).

Seabra Pereira propôs uma periodização para o movimento decadentista-simbolista, identificando uma fase de gestação, correspondente à década de 1880, uma fase de instauração de 1889 a 1891 e uma terceira fase de expansão e predomínio de 1892 a 1900. No princípio do século XX, o movimento teria passado por uma fase de refluxo pela ação do(s) Neorromantismo(s) “vitalista, saudosista e lusitanista” (Pereira, 1989-1990, p. 147). Mesmo reconhecendo a pertinência e a funcionalidade da periodização proposta, deve-se ressaltar o fato, evidenciado por textos publicados na imprensa, que a “expansão” e o “predomínio” da terceira fase saíram muito prejudicados *desde 1892* pelo ativismo nacionalista e neorromântico de Alberto de Oliveira, que dividiu o grupo dos jovens escritores portugueses, deixando Eugénio de Castro isolado em sua ação modernizadora, e estigmatizou o esteticismo decadentista-simbolista como fator agravante da decadência nacional por considerar seu cosmopolitismo contrário e prejudicial às tradições portuguesas. O “refluxo” tão evidente a partir de 1900 já ocorria, portanto, desde 1892.² A difusão e a assimilação do decadentismo-simbolismo em Portugal sofreram forte influxo da atuação de duas personalidades distintas: do aristocrático, vaidoso e suscetível Eugénio de Castro, que defendia de forma intransigente as novidades estéticas e sua liderança ou protagonismo, e do generoso, gregário e hábil Alberto de Oliveira, que propunha um aproveitamento seletivo das ousadias formais decadentistas-simbolistas, colocando-as a serviço de uma *extremamente oportuna e bem acolhida* doutrina nacionalista.

² Considerando apenas a publicação de *Palavras loucas*, Feliciano Ramos data de 1894 o início da “campanha da valorização de Portugal, que deu caráter à cultura portuguesa do século XX” (RAMOS, 1943, p. 92).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA. *O Século*, Lisboa, p. 2, 3. col., 1. jun. 1891.

LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. p. 70-1

NOBRE, António. *Só*. Paris: Léon Vanier, 1892.

OLIVEIRA, Alberto de. A língua portuguesa. *O Primeiro de Janeiro*, Porto, p. 1, rodapé, 26 jan. 1893a.

OLIVEIRA, Alberto de. Cartas da última hora. *Revista de Portugal*, Porto, v. 3, n. 3, p. 433-52, mar. 1892.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*. Coimbra: António F. Viegas, 1891. p. 89.

OLIVEIRA, Alberto de. *Pombos-correios*: notas quotidianas. Coimbra: França Amado, 1913. p. 198.

OLIVEIRA, Alberto de. Portugal (meditação). *O Primeiro de Janeiro*, Porto, p. 1, rodapé, 23 mar. 1893b.

OS NOVOS. *O Diário Popular*, Lisboa, p. 2, rodapé, 28 abr. 1892.

PEREIRA, José Carlos Seabra. A condição do simbolismo em Portugal e o litígio das modernidades. *Nova Renascença*, Porto, v. 35-8, p. 151-2, 1989-1990.

PIMENTEL, Alberto. Revista da semana. *O Economista*, Lisboa, p. 1, rodapé, 19 maio 1891.

PINA, Mariano. O neogarrettismo. *O Diário Popular*, Lisboa, p. 1, 6. col., p. 2, 1.-2. col., 21 abr. 1892.

POESIAS de Alberto de Oliveira. *Novidades*, Lisboa, p. 2, 4.-5. col., 21 maio 1891.

QUEIRÓS, Eça de. A Alberto de Oliveira. In: *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v. 3, p. 638-40.

RAMOS, Feliciano. *Eugénio de Castro e a poesia nova*. Ensaio. Lisboa: Edição Ocidente, 1943.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.